(PRÓPRIO 25) 22º DOMINGO APÓS PENTECOSTES

25 DE OUTUBRO DE 2025

MATEUS 22.34-46

1 TEXTOS DO DIA

As quatro leituras deste domingo podem ser ouvidas separadamente, cada uma com sua ênfase particular. Quando, porém, são colocadas lado a lado, percebe-se um movimento comum: Deus forma seu povo por meio de sua Palavra; essa Palavra orienta uma vida de santidade; a santidade se torna concreta na maneira como tratamos o próximo; e, no Evangelho, tudo isso encontra seu centro na pessoa de Jesus Cristo.

1.1 Salmo 1

O Salmo 1 oferece uma bela porta de entrada para essa compreensão. O salmista apresenta duas maneiras de viver: a do justo, que encontra seu prazer na instrução do Senhor, e a dos ímpios, que seguem outro caminho (Sl 1.1-6). O justo é comparado a uma árvore plantada junto às águas, que dá seu fruto no tempo certo (Sl 1.3). A imagem sugere que uma vida frutífera não começa pelo fruto, mas pela fonte junto à qual a árvore está plantada. A vida é moldada por aquilo que é recebido.

O salmo também chama atenção para o papel formador da Palavra. O justo "medita" na instrução do Senhor dia e noite (Sl 1.2). A Palavra não aparece apenas como informação religiosa, mas como aquilo que orienta o caminho. O primeiro salmo, assim, coloca diante da comunidade uma pergunta muito importante: que palavra está moldando a nossa vida?

1.2 Levítico 19.1-2,15-18

Levítico 19 conduz essa reflexão para a vida cotidiana. Deus declara: “Sejam santos, porque eu, o Senhor, o Deus de vocês, sou santo” (Lv 19.2). O interessante é observar o que vem depois. A santidade não fica limitada ao culto ou às práticas religiosas. Ela aparece no modo como o povo trata os pobres, os trabalhadores, os estrangeiros e aqueles que dependem de decisões justas; aparece na rejeição da vingança e do ressentimento; aparece no cuidado com o próximo (Lv 19.9-18). É nesse contexto que encontramos o mandamento: “Ame o seu próximo como a si mesmo” (Lv 19.18).

A santidade, portanto, tem consequências muito concretas e práticas na vida da igreja. Pertencer ao Deus santo transforma a maneira como uma pessoa se relaciona com as outras.

1.3 1Tessalonicenses 2.1-13

1Tessalonicenses 2.1-13 apresenta essa mesma verdade a partir da vida e do ministério de Paulo. O apóstolo não descreve sua atuação entre os tessalonicenses como uma busca por prestígio ou vantagem pessoal. Ele fala de sinceridade, cuidado e dedicação. Afirma que esteve entre eles “como a mãe que cuida dos próprios filhos” (1Ts 2.7) e como um pai que exorta, consola e encoraja seus filhos (1Ts 2.11-12). Mais adiante, afirma que os tessalonicenses receberam a mensagem não como palavra humana, mas como aquilo que ela verdadeiramente é: Palavra de Deus (1Ts 2.13).

Ou seja, a Palavra recebida produz uma maneira diferente de viver e de tratar pessoas. O anúncio do Evangelho e a vida cristã não são realidades separadas, mas caminham lado a lado.

1.4 Mateus 22.34-46

No texto de Mateus, essas linhas convergem. Jesus é perguntado sobre o maior mandamento da Lei. Sua resposta retoma Deuteronômio 6.5: amar o Senhor de todo o coração, de toda a alma e de todo o entendimento (Mt 22.37; Dt 6.5). Em seguida, ele acrescenta o segundo mandamento, extraído de Levítico 19.18: amar o próximo como a si mesmo (Mt 22.39). Jesus conclui afirmando que toda a Lei e os Profetas dependem desses dois mandamentos (Mt 22.40).

Mas Mateus não encerra a cena nesse ponto. Logo depois, Jesus faz outra pergunta: “O que vocês pensam a respeito do Cristo? De quem ele é filho?” (Mt 22.42). E é justamente essa segunda pergunta que impede que a leitura da perícope se transforme numa simples mensagem moral sobre a necessidade de amar.

As leituras deste domingo, portanto, podem ser reunidas em uma direção comum: a Palavra de Deus forma um povo chamado à santidade e ao amor, mas esse povo é conduzido pela própria Palavra até Cristo, o Senhor de toda graça.

Uma formulação possível do tema do domingo seria: *“Enraizados na Palavra, chamados ao amor e conduzidos a Cristo”*. Para a pregação, entretanto, o Evangelho permite uma formulação ainda mais concisa: *“O maior mandamento e o maior Senhor”*.

2 APROFUNDAMENTO BÍBLICO DE MATEUS 22.34-46

2.1 Contextualização

Mateus 22 está inserido no contexto dos últimos dias do ministério público de Jesus. Depois de entrar em Jerusalém, ele passa a ser confrontado por diferentes grupos religiosos (Mt 21–22). No capítulo 22, primeiro aparecem fariseus e herodianos com a questão do imposto a César; depois, os saduceus levantam a questão da ressurreição (Mt 22.15-33). Em seguida, um especialista na Lei aproxima-se de Jesus com uma pergunta sobre o maior mandamento (Mt 22.34-40).

Mateus esclarece que a pergunta é feita para colocar Jesus à prova (Mt 22.35). Isso não significa que a questão em si fosse absurda. Era uma pergunta possível dentro das discussões sobre a Lei. O que chama atenção é a intenção com que ela é apresentada, isto é, colocar Jesus a prova.

A pergunta, em si, é simples: “Qual é o maior mandamento da Lei?” (Mt 22.36). Jesus responde levando seus ouvintes ao centro da fé de Israel: amar o Senhor de todo o coração, de toda a alma e de todo o entendimento (Mt 22.37; Dt 6.5).

A expressão “de todo” merece atenção. Jesus não está falando simplesmente de uma parte importante da vida. O amor a Deus alcança a pessoa inteira. Não existe uma área da existência que possa ser reservada para nós mesmos, como se Deus tivesse direito apenas à dimensão religiosa da vida.

Isso traz o sentido do texto para muito perto de nós. Podemos frequentar o culto, orar, cantar e conhecer a Bíblia e, ainda assim, manter partes das nossas vidas fechadas para Deus. Podemos querer a presença de Deus sem querer sua vontade; desejar seu cuidado sem abrir mão do nosso controle. Contudo, Deus não deseja apenas uma parte da nossa vida. O mandamento de Jesus alcança a pessoa inteira. Amar a Deus de *todo* o coração significa reconhecer que toda a nossa existência está diante dele.

Mas Jesus não para por aí. Ele afirma: “E o segundo é semelhante a ele: Ame o seu próximo como a si mesmo” (Mt 22.39). A referência é Levítico 19.18, justamente uma das leituras deste domingo.

O segundo mandamento está, assim, unido ao primeiro. Amar a Deus não pode ser usado como justificativa para desprezar o próximo. O próprio contexto de Levítico demonstra que o amor se traduz em justiça, honestidade, misericórdia e rejeição da vingança (Lv 19.9-18). O amor ao próximo, portanto, não é apenas sentimento. Ele se expressa na forma como tratamos as pessoas.

Podemos dizer que existe uma distância considerável entre afirmar “eu amo o próximo” e, de fato, tratá-lo com justiça quando isso nos custa alguma coisa. O mandamento de Jesus nos tira do terreno das boas intenções e nos coloca diante da vida concreta.

Por fim, Jesus afirma algo que parece encerrar a questão: “Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas” (Mt 22.40). Jesus não está dizendo que os demais mandamentos perderam seu valor. Ele está mostrando que a vontade de Deus não deve ser fragmentada. Toda a Lei aponta para uma vida que tem Deus no centro e que, por isso, se relaciona corretamente com o próximo.

Até aqui, seria possível construir uma bela mensagem sobre o amor. E justamente aqui existe uma armadilha homilética. O pregador poderia falar sobre amar mais a Deus. Poderia falar sobre amar melhor a família. Poderia convocar a igreja a cuidar dos pobres, perdoar as ofensas e rejeitar os ressentimentos. Tudo isso estaria em conformidade com o texto. Mas poderia terminar produzindo apenas uma nova tarefa. Mateus não deixa que isso aconteça.

2.2 O que vocês pensam a respeito do Cristo? (v.42)

Depois de responder à pergunta sobre o maior mandamento, Jesus faz uma pergunta diferente: “O que vocês pensam a respeito do Cristo?” (Mt 22.42).

A pergunta desloca o foco da atenção. Jesus poderia simplesmente ter encerrado seu ensino dizendo: “Agora cumpram esses dois mandamentos”. Em vez disso, a narrativa de Mateus nos conduz à outra pergunta: Quem é o Cristo?

A resposta dos fariseus — “filho de Davi” — não está errada (Mt 22.42). O próprio Evangelho de Mateus apresenta Jesus dessa maneira logo no início: “Jesus Cristo, filho de Davi” (Mt 1.1). A expressão também aparece na entrada de Jesus em Jerusalém (Mt 21.9). O problema é que essa resposta, embora correta, ainda é insuficiente.

Jesus cita o Salmo 110 e pergunta como Davi pode chamar seu descendente de “Senhor” (Mt 22.43-45). Não se trata de negar que o Messias seja descendente de Davi. A questão é mostrar que sua identidade não pode ser reduzida à de um descendente humano. O Cristo é Filho de Davi, mas é também o Senhor de Davi.

A pergunta conduz, portanto, a uma compreensão mais aprofundada de quem é Jesus. Aliás, Mateus termina a cena dizendo que ninguém conseguiu responder à Jesus. E, depois disso, ninguém mais ousou fazer-lhe perguntas (Mt 22.46).

A ligação entre as duas cenas é preciosa para a pregação. Jesus fala do maior mandamento e imediatamente conduz seus ouvintes à pergunta sobre o Cristo. Isso nos permite concluir que o texto não nos questiona apenas sobre: *"O que Deus quer de nós?"*. Ele também quer nos colocar diante da pergunta: *"Quem é Jesus?"*. A primeira pergunta fala da vontade de Deus. A segunda aponta para a pessoa de Jesus Cristo.

2.3 Quando o mandamento nos confronta.

É neste contexto que uma leitura sob a ótica de Lei e Evangelho da passagem torna-se especialmente útil. A Lei não deve ser diminuída para tornar nossa vida mais confortável. Jesus apresenta o mandamento em toda a sua profundidade: amar a Deus com a totalidade da nossa vida e amar o próximo como a nós mesmos (Mt 22.37-39).

Diante disso, precisamos ser honestos. Nós amamos a Deus, mas nosso amor é dividido. Por vezes, há coisas que queremos mais do que a Deus. Há momentos em que confiamos mais em nossas próprias seguranças do que nas promessas dele. Há áreas nas quais queremos seguir nossa própria vontade antes da vontade de Deus.

Também o amor ao próximo é imperfeito. É relativamente fácil amar quem nos trata bem. Mais difícil é amar quem nos feriu. Falar sobre perdão é fácil; mais difícil é perdoar alguém que realmente nos machucou. É fácil afirmar que todo ser humano possui dignidade; mais difícil é tratar com dignidade aquele de quem discordamos ou que consideramos inconveniente.

A Lei não é o problema. O problema está em nós, no ser humano. A Lei revela aquilo que Deus deseja e, ao fazê-lo, revela também o nosso pecado. Walther insiste que a distinção correta entre Lei e Evangelho é essencial para a pregação, justamente para que a Palavra de Deus não termine produzindo apenas condenação ou exigência (WALTHER, 2005, p. 54). A Fórmula de Concórdia afirma igualmente que a distinção entre Lei e Evangelho deve ser mantida com diligência na igreja e apresenta a Lei como aquela que ensina a vontade de Deus e reprova o

pecado, enquanto o Evangelho dirige o pecador à graça de Deus em Cristo (LIVRO DE CONCÓRDIA, 2006, p. 515).

Isso nos ajuda a perceber o que fazer com Mateus 22. Não devemos diminuir o mandamento para que ele pareça alcançável. Tampouco devemos transformá-lo numa nova escada pela qual tentamos subir até Deus.

O mandamento nos mostra o que Deus deseja. O Evangelho nos mostra quem Deus nos deu. E é aqui que a segunda metade da passagem volta a ocupar o seu lugar.

2.4 O maior Senhor.

Jesus não é apenas aquele que ensina qual é o maior mandamento. Ele é o Cristo, o Filho de Davi e o Senhor de Davi (Mt 22.41-45). Jesus é o Messias e Salvador.

Ou seja, não se trata apenas de amar mais ou melhor. Precisamos, antes, olhar para Jesus. Ele amou o Pai em perfeita obediência. Viveu segundo a vontade do Pai e entregou-se pelos pecadores (cf. Jo 4.34; Fp 2.8). Seu amor não foi apenas uma ideia ou sentimento. Foi entrega total e concreta.

Neste ponto, o Evangelho encontra o pecador que foi confrontado pela Lei. Nossa esperança não está na perfeição do nosso amor. Está na perfeição do amor de Jesus. Não somos aceitos por Deus porque amamos perfeitamente. Somos recebidos pela graça de Deus em Cristo. E essa graça não torna o amor desnecessário. Pelo contrário, ela nos liberta da necessidade de usar nossas obras para ganhar a aceitação divina. A obediência cristã deixa de ser uma tentativa de conquistar a graça e passa a ser fruto da graça recebida.

Walther, inclusive, chama nossa atenção para o perigo de transformar o Evangelho em uma espécie de nova Lei: em vez de anunciar aquilo que Deus fez por nós em Cristo, o pregador acaba apresentando novas exigências que o ouvinte precisa cumprir para tornar-se aceitável diante de Deus (WALTHER, 2005, p. 144). Essa advertência é muito pertinente para este texto. O perigo da pregação sobre Mateus 22 é transformar o “ame a Deus e ao próximo” em mais uma cobrança. O

caminho do Evangelho é diferente. Somos chamados a amar, mas não para conquistar o amor de Deus. Amamos porque fomos alcançados por sua graça.

É possível, portanto, falar seriamente sobre santificação sem transformar a santificação em fundamento da salvação. O cristão continua chamado a uma vida de amor, justiça, misericórdia e serviço (Mt 22.39; Gl 5.13-14). Mas essa vida nasce da fé que recebe de Jesus Cristo, e não do desejo de construir uma justiça própria.

3 O QUE EU PREGARIA?

Eu daria à mensagem o título *"O maior mandamento e o maior Senhor"*.

A ideia central poderia ser expressa assim: *O maior mandamento revela o que Deus deseja de nós; o maior Senhor revela onde está nossa esperança para viver diante de Deus e do próximo*. A mensagem poderia começar com uma pergunta bastante simples: quando pensamos naquilo que Deus espera de nós, o que normalmente vem à nossa mente?

Talvez pensemos em oração, leitura da Bíblia, participação no culto, ajuda ao próximo, honestidade ou boas obras. Jesus, porém, vai direto ao ponto: amar a Deus de todo o coração, de toda a alma e de todo o entendimento; e amar o próximo como a nós mesmos (Mt 22.37-39). Nesse primeiro momento, vale deixar a Palavra falar com toda a sua força. Isto é, "De todo o coração". Não apenas quando estamos na igreja. Não somente quando tudo está dando certo. Não apenas nas decisões religiosas. Deus reivindica a pessoa inteira.

Em seguida, Jesus acrescenta: "Ame o seu próximo como a si mesmo". Aqui a aplicação começa a ficar ainda mais concreta. Quem é o meu próximo? Não é uma ideia abstrata. É a pessoa que está diante de mim. É aquele que precisa da minha justiça. É aquele que pode ser prejudicado pela minha decisão. É aquele contra quem guardo ressentimento. É aquele que não tem como me retribuir. E então surge a pergunta que não pode ser evitada: nós conseguimos amar assim?

Uma ilustração simples pode ajudar. O espelho revela uma mancha em meu rosto, mas não pode removê-la. Ele não cria a mancha e também não consegue limpá-la. Apenas mostra o que está diante de nós. A Lei funciona assim. Quando Jesus diz “ame a Deus de todo o coração” e “ame o próximo como a si mesmo”, a Palavra revela a vontade de Deus e também revela o que há em nosso coração. Ela mostra uma realidade que preferiríamos não enxergar. Mas o espelho não é o lugar onde ficamos. Depois de perceber a mancha, precisamos de alguém que possa limpá-la.

É nesse momento que a mensagem deve caminhar para Mateus 22.41-46. Jesus pergunta: “O que vocês pensam a respeito do Cristo?”. A questão deixa de ser apenas: “O que devemos fazer?”. Agora a questão é: *“Quem é Jesus?”*. Ele é o Filho de Davi. Mas é também o Senhor de Davi (Mt 22.42-45). Ele não é apenas aquele que nos mostra como viver. É aquele que veio para salvar pecadores.

Por isso, a aplicação da mensagem não deveria simplesmente terminar com uma motivação a ‘amar mais”. É percorrer outro caminho. Perguntar: Onde meu amor está dividido? Em que área da minha vida Deus deixou de ocupar o primeiro lugar? Que pessoa tenho dificuldade de amar? Que ressentimento estou alimentando? Existe alguém a quem trato de maneira diferente porque considero que não merece o mesmo cuidado que gostaria de receber?

Essas perguntas são importantes, mas não devem ser o ponto final. Elas precisam conduzir a Cristo. O pregador pode dizer à congregação: “Leve tudo isso a Jesus. Leve a ele o amor imperfeito. Leve o ressentimento. Leve a dificuldade de perdoar. Leve a dureza do coração. Não esconda isso de Jesus.” O Cristo que nos revela a verdade sobre nosso coração é também aquele que veio buscar e salvar o pecador (cf. Mt 9.12-13).

A partir daí, a aplicação pode assumir outra forma, isto é, “porque em Cristo você foi alcançado pela graça, aprenda novamente a amar”. Isso muda completamente o tom da mensagem. O marido pode voltar para casa e tentar amar sua esposa não para provar que é um bom cristão, mas porque recebeu de Jesus uma graça que o chama a um novo modo de viver. Pais podem olhar para seus filhos não apenas como responsabilidades, mas como pessoas a quem são chamados a servir. Irmãos na igreja podem enfrentar diferenças sem transformar o

outro em inimigo. A comunidade cristã pode olhar para quem sofre não como um problema a ser resolvido, mas como um próximo a ser amado.

Nesse ponto, 1Tessalonicenses 2 oferece uma bela confirmação. Paulo apresenta seu ministério usando imagens de cuidado e proximidade (1Ts 2.7-12). A Palavra que ele anuncia é a Palavra de Deus, e essa Palavra toma forma também na maneira como ele cuida das pessoas (1Ts 2.8-12).

O Salmo 1 também pode retornar discretamente na conclusão. A árvore junto às águas não produz fruto porque é excepcional. Ela frutifica porque está plantada junto à fonte (Sl 1.3). A imagem pode ajudar a dizer que a vida cristã também tem uma fonte. O amor e a obediência não são a raiz da nossa aceitação diante de Deus; são fruto de uma vida que recebe dele aquilo de que necessita.

Outra possibilidade de conclusão seria retornar às duas perguntas do próprio texto. *Qual é o maior mandamento?* Amar a Deus de todo o coração e ao próximo como a nós mesmos (Mt 22.37-40); e *Quem é o Cristo?* Ele é o Filho de Davi e o Senhor de Davi (Mt 22.41-45).

A primeira pergunta revela a vontade de Deus. A segunda revela onde está nossa esperança. Talvez cheguemos ao texto pensando: “O que eu preciso fazer para viver como Deus quer?” Jesus, porém, nos leva um pouco mais longe: “Olhe para o Cristo, o Messias”. Pois ser cristão não se trata de uma lista de tarefas que precisamos cumprir para nos tornarmos dignos de Deus. É a boa notícia de que Deus veio ao nosso encontro em Jesus Cristo.

Assim, o maior mandamento continua de pé. Deus continua chamando seu povo a amá-lo e a amar ao próximo. Mas agora sabemos que não dependemos da perfeição do nosso amor para sermos recebidos por ele. O maior mandamento nos chama ao amor. O maior Senhor nos alcança com a graça. E, alcançados por essa graça, voltamos à vida cotidiana para amar — não como quem tenta conquistar o favor de Deus, mas como quem já foi encontrado por ele.

Pr.Heitor Alberto Stahnke

Arapoti/PR